

O corpo sem órgãos em Deleuze & Guattari & a escrita de Clarice Lispector

The body without organs in Deleuze & Guattari & the writing of Clarice Lispector

JEFFERSON PINHEIRO LIMA¹

Resumo: O artigo ora aqui apresentado busca fazer conexões entre o conceito/experimento de Corpo Sem Órgãos (CsO) de Gilles Deleuze (1925/1995) e Félix Guattari (1930/1992) tratado no texto “Como criar para si um corpo sem órgãos” com a escrita/fluxo de Clarice Lispector (1920/1977) em seu livro “Água Viva”. Para tanto, serão apresentadas duas seções que visam delinear a aventura da escrita em devir clariciana e a noção de CsO. Por fim, uma última seção procurando ensaiar propriamente as conexões possíveis entre tais pensamentos experimentais, onde serão utilizados como fonte de pesquisa outros textos de Deleuze e Guattari.

Palavras-chave: Deleuze & Guattari; Clarice Lispector; Corpo Sem Órgãos.

Abstract: The article presented here seeks to make connections between the concept/experiment of Body Without Organs (BwO) by Gilles Deleuze (1925/1995) and Félix Guattari (1930/1992) discussed in the text “How to Create a Body Without Organs for Yourself” with the writing/flow of Clarice Lispector (1920/1977) in her book “Alive Water”. To this end, two sections will be presented that aim to outline the adventure of Clarice's writing in the making and the notion of BwO. Finally, a final section will seek to properly test the possible connections between such experimental thoughts, where other texts by Deleuze and Guattari will be used as research sources.

Keywords: Deleuze & Guattari; Clarice Lispector; Body Without Organs.

1ª Seção: Escrita/fluxo clariciana, corpo e imanência

Em seu livro *Água Viva*, a escritora Clarice Lispector demonstra o desejo de realizar uma escrita que não se fie em contar uma história, mas que possibilite a captação daquilo que ela nomeia como o “instante-já”, ou seja, captação de uma espécie de presente puro, acontecimento em que o tempo se dá na emergência do devir, na quebra da linhagem histórico-pessoal, e assim no contágio com as multiplicidades heterogêneas sempre contemporâneas aos encontros, no rompimento com as filiações, hereditariedades ou evoluções retilíneas e uniformes. Aí se nota um enorme desafio, pois esse instante-já é o que há de mais

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará e Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, UECE. E-mail: paje.ca@hotmail.com

fugidio, e assim, segundo a autora, sua captação sendo possível somente no ato do amor. Porém, esse amor precisa ser reinventado para que o momento seja percebido enquanto tal, em sua precariedade.

[...] no amor o instante de impessoal joia refulge no ar, glória estranha de corpo, matéria sensibilizada pelo arreio dos instantes (...). Meu tema é o instante? Meu tema de vida. Procuro estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos (LISPECTOR, 1973, p. 8).

A busca pela captação do instante-já se dá como uma aventura da escrita em transmutar-se em algo além das palavras. O exercício da escrita deve seguir um caminho em que a linguagem discursiva se encontre com outras forças de expressão. Em *Água Viva* o discurso entra em um fluxo-música e também em um fluxo-pintura, onde a escrita busca através das palavras pintar afectos e não contar um enredo ou fazer uma narrativa. Acima de tudo, o que transparece é um discurso amoroso, discurso de reinvenção do amor e fruto de uma ruptura sofrível, porém seguida de uma alegria arrebatadora. Assim o diz Clarice: “Quero captar o meu é. E canto aleluia para o ar assim como faz o pássaro. E meu canto é de ninguém. Mas não há paixão sofrida em dor e amor que não siga uma aleluia.” (LISPECTOR, 1973, p. 10).

310

O instante-já perseguido/perseguidor de Clarice é a própria vida. A vida é esse instante incontável, é o fluxo do tempo. O exercício de captação de tal instante é a atividade mesma de transformação da linguagem, de um novo uso do discurso, uma luta para quebrar todo discurso *que pega*, um combate aos discursos clichês, que grudam, que entulham. Não mais um discurso comunicativo ou informativo, mas justo uma escrita que possa romper com as esferas da significação, da subjetivação, da representação. As palavras assim devem se tornar vibrações sensíveis e serem expressas com o corpo inteiro.

Porém, a escrita com o corpo inteiro não deve ser entendida como escrita com o corpo de um *eu* isolado do mundo, uma identidade fechada sobre si, solipsista. Essa transmutação da escrita que visa tocar aquilo que escapa no real, escrita-linha-de-fuga, também arrasta o corpo e arrasa suas fronteiras, se compõe com “seu” fora. Diluir-se a si mesmo é tarefa fundamental no intuito de dar à

palavra a potência de invocar algo que está para além dela, ou seja, evocar o sabor mesmo da vida, a dimensão do sensível, a epiderme do mundo, o plano de superfície, palavra-pele.

O dizer “eu” parece ser para a autora apenas um modo de falar em nome próprio², ou seja, falar de suas próprias experimentações. Mas seu estado de alma é de impessoalidade, de abertura ao mundo, ao sensível, aos afectos. Estado esse para além da palavra meramente, para além da lógica, da gramática. É um estranho estado de louca harmonia com o campo de vibratibilidade da matéria-prima da vida, com suas mutações e diferenciações ininterruptas, com sua nervura. A escrita em tal estado se faz como algo de tão louco e intensivo como a vida, não como representação desta, mas como nascimento, entrada para ela, vida-uterina que se entrega toda ao mundo e se emaranha com “cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras”. (LISPECTOR, 1973, p. 14).

Assim, o que se busca é falar da vida por meio da própria vida, ou seja, não transcendê-la, mas expressá-la a partir de seu próprio núcleo. A escrita se dá como fotografia que apreende para além das formas dadas, como captura do instante intensivo das coisas, instante de contato, instante fugidio. Fato desesperador é o de, ao transpor o momento capturado em escrita, perceber que as palavras ocupam mais instantes que um relance de olhar. Porém, o que se deseja captar não é o instante propriamente, mas algo mais sutil: seu fluxo, a dimensão de virtualidade do real e não seu contorno formado, estável, sua argamassa.

Acolhe-se aqui o risco, o desconforto de viver/escrever dissolvendo a si mesmo como experiência com a morte. O material dessa escrita não são as confidências, o depoimento de um *euzinho* personológico, interiorizado. É antes uma metamorfose, ou mais precisamente, metaforças, jogo de forças, devir-outro de si mesmo, encarnação das palavras em seu fora (experiência da palavra além de

² “O nome como apreensão instantânea de uma tal multiplicidade intensiva é o oposto da despersonalização operada pela história da filosofia, uma despersonalização de amor e não de submissão. Falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso próprio subdesenvolvimento. Tornamo-nos um conjunto de singularidades soltas, de nomes, sobrenomes, unhas, animais, pequenos acontecimentos.” Cf. DELEUZE, G. *Conversações*, 1992. p. 15.

si mesma e do humano como *logos*), que liberam à entrega corajosa da afirmação das singularidades não-identitárias. Temos assim um estado de rio que corre, enxurrada de afecções, estado de fluxos.

Trata-se da captura dos acontecimentos, de ir vivendo-os, de atravessá-los e ser por eles atravessado, fazendo disso a potência mesma da escrita. A arte é o veículo dessa experimentação, pois não se restringe a relatar fatos, mas cuida em artificializá-los, não para mistificá-los ou tirar-lhes da dimensão sensível-afetiva. Ao contrário, cuida em reinventá-los como realidade delicada e cruel, que passa a existir em uma pura imanência, sem recorrer a qualquer tipo de transcendência. O artifício aqui não é a negação daquilo que há de perecível e instável no homem, mas justo a sua assunção e alegria em celebrar o próprio dinamismo corrosivo da vida.

Para sentir e captar a nervura viva do “já” é preciso fazer um novo uso das palavras. Fazer delas uma espécie de isca para pescar aquilo que não é mera palavra, e sim a febre de viver, as entrelinhas. Mas a palavra-isca não deve se tornar obsoleta, pois é somente através dela que se pode obter o não-linguístico. Aqui, a liberdade para querer algo que não está ancorado num sentido dado é ter a coragem de caminhar longa e sofrivelmente em busca de um sentido inventado, de uma vida em abolição e ebulição. É querer um sentido desterritorializado, ou seja, que abandone os territórios reconfortantes do amor, da linguagem, enfim, do humano em sua condição figurativa, representativa. Construção de um mundo da diferença, da travessia, aquém e além do humano. Abertura aos devires não-humanos como composição de singularidades itinerantes (devir-vegetal, devir-animal, devir-mineral).³

Para me interpretar e formular-me preciso de novos sinais e articulações novas em formas que se localizem aquém e além de minha história humana. Transfiguro a realidade e então outra realidade, sonhadora e sonâmbula, me cria. E eu inteira rolo e à medida que rolo no chão vou me acrescentando em folhas, eu,

³ Ter em vista que os devires ou fluxos não são imitação nem subordinação, e muito menos substituição. Portanto, o homem continua a existir. O que é desmantelado aqui é sua forma abstrata, idealizada e separada de sua condição de constante afetação ativa com o mundo não-humano, com as forças do cosmos.

obra anônima de uma realidade anônima só justificável enquanto dura a minha vida. (LISPECTOR, 1973, p. 24).

Clarice nos oferece essa realidade cambiante e sensível/corpórea através dessa escrita que é antes como a fúria improvisada do jazz, escrita realizada mais de gesto (pintura) que de palavras. Liberdade da não-representação, do não ter objetivos ou prévias finalidades, mas ser como a relva que se expande a partir de sua força a-centrada. Bioarte, onde natureza e artifício não se contrapõem, e onde o homem se mantém como ser orgânico, visceral. O que é subvertido aqui é a organização funcional de seu organismo, da própria ordem do mundo, em favor da reinvenção de si e das coisas através da arte sem idealizações.

O que se busca é o halo das coisas, seu brilho, suas cores, e não as coisas propriamente e as palavras que pretensamente as significam. E é aí que se verifica a importância que a personagem clariciana dá às forças animais e sua relação com elas. Os animais não estão presos a uma linguagem nomeadora, seus instintos são indomáveis, expressam o aqui-agora. O animal provoca um curto-circuito na forma-humana, abolindo-a. A grande injúria então é querer humanizar as forças animais, domesticá-las através de um jogo de metáforas, associações, substituições, fazendo delas apenas imitação, caricatura das forças humanas. Trata-se de abandonar as representações que temos dos animais. Deve-se deixar de combater suas forças e produzir um combate em que as forças humanas atravessem e sejam atravessadas pelas forças não-humanas no seio do próprio homem.

313

Às vezes eletrizo-me ao ver bicho. [...] Conheci um “ela” que humanizava bicho conversando com ele e emprestando-lhe as próprias características. Não humanizo bicho porque é ofensa – há que respeitar-lhe a natureza – eu é que me animalizo. Não é difícil e vem simplesmente. É só não lutar contra e é só entregar-se. [...] Pássaros – eu os quero nas árvores ou voando longe de minhas mãos. Talvez certo dia venha a ficar íntima deles e a gozar-lhes a levíssima presença de instante. (LISPECTOR, 1973, p. 57-58).

Tais fluxos-animais se conjugam com os mais variados fluxos. A natureza é composta de uma multiplicidade caótica de devires, de produção de zonas de indiscerníveis, de trocas mútuas, *n* trocas irredutíveis a qualquer forma acabada e/ou hierarquia. A escrita clariciana nos oferece uma maravilhosa conexão mulher-animal-planta, capaz de fazer ruir as conexões filiativas humanísticas, que

procedem por identidade. A escrita devir-outra de si mesma abre conexões por alianças, escrita clandestina, sob a fórmula *e... e... e...* deleuziana⁴, contra o *ou... ou... ou...* da metafísica clássica com suas divisões e hierarquias corpo/alma, homem/animal, homem/máquina.

Essas conexões nos fazem vislumbrar um plano mais amplo de não-humanismo a ser experimentado. Levar a língua ao limite que “separa” o homem de seus devires inumanos, ao que os atravessa. Sair da escritura (sagrada, dogmática, organizada) em favor da escrita-sopro, corrente de ar. Injetar na linguagem um sopro de vida, incendiá-la, sensualizá-la, poetizá-la, dobrá-la e transformá-la em corpo, carne e sangue do mundo.

Clarice faz da arte um território de produção dessas conexões, uma pura despersonalização (it), saída de qualquer interioridade, desvio das representações e invenção de potências até então imperceptíveis. Através da escrita busca-se capturar, mesmo que precariamente, as forças que escapam e fazem fugir a própria língua ao agitar o que há de intensivo em seu âmago. Essa escrita não visa a acomodação em um suposto ideal inteligível ou corpóreo, em uma felicidade fácil e confortável dispensada de todo sofrimento. É justo uma escrita que celebra a vida e seu constante assédio de sensações às vezes as mais terríveis, e produz um real flutuante com a leveza inocente de quem ama a vida convulsiva, destino trágico e saboroso.

Aderir, escrever o instante, o movediço, é um ato de alegria desassossegada, é desafiar a morte que investe como culto ou como promessa do estável. É entregar-se ao real selvagem que não se destina a nenhuma missão ou salvação, mas se embebe das intensidades e compartilha do âmago da vida, que é morte também, porém morte como transmutação, despossessão de si, passagem dolorosa de uma sensação a outra, de um instantâneo a outro. A realidade aqui não é acolhida como fatalidade, mas como andança, inventada mais com os pés do que com a cabeça,

⁴ A fórmula *e... e... e...* de Deleuze diz algo sobre a multiplicidade de forças que passam e compõem os corpos, gagueira que não se diz como um *logos*, sob a forma abstrata de uma identidade que se expressa sob a fórmula do isso ou aquilo. Cf. DELEUZE, G. ; PARNET, C. *Diálogos*, 1998. p.45.

trotando sem fronteiras, sem passado ou futuro idealizado, na pura potência do devir.

O it inquietante e vibrante que habita cada um de nós é uma espécie de “x”. Uma incógnita que reclama uma sensibilidade-outra e exige um novo corpo. O it só acontece para aquilo que tem corpo. O “x” mobiliza o corpo do mundo e de cada um. A relação de corpo e linguagem aqui deixa de ser representativa, e passa a exprimir signos intensivos que são a experimentação da coisa, do it. Os signos emitem algo da coisa, mas não a esgotam. Esse novo corpo marcado por símbolos e não expresso por representações é um corpo desorganizado, não meramente funcional e individuado, fechado no limite de seu contorno. É um corpo que reivindica novos arranjos, novas forças que o componham e o permitam estranhar-se a si próprio, a palavra e a vida. Esse estranhamento é o início de *uma* vida.

Esse novo corpo é também uma nova potência do pensamento. É a partir dele que se pode alcançar o ponto extremo do pensar: o pensamento sem autor, sem sujeito, sem identificação. Um anonimato do pensamento cuja pertença se dá a uma multiplicidade de vozes, como abertura aos *n* fluxos da vida. Daí o pensar-sentir que é liberdade, ao contrário do pensamento como faculdade primária, que se caracteriza por ter e dar forma, e assim ter um alcance reduzido.

Assim, o corpo não é desprezado ou subordinado à alma, seja como forma-abstrata exterior, seja como forma-interiorizada, pois não existe aqui nenhum dualismo ou hierarquia. O corpo é sim o “centro” proliferador do pensamento, mas ele, o corpo, é tanto mais vivo quando animado e reinventado pelos conceitos-fluxos, na emergência e fervilhamento dos afetos.

O pensamento sem forma, o pensar-sentir, é o estado ao mesmo tempo de extrema incomunicabilidade e de possibilidade maior de comunicação, pois se dá sem esse sujeito que só informa a outros que só recebem informações-representações. O que se comunica são intensidades ao abdicar do pensamento primário e investir no pensamento-corpo, pensamento-mundo sem interioridade. Comunicação consigo mesmo, ou seja, com o homem no mundo, o mundo no homem, com suas variações de composição sempre singulares.

Pode-se assim perceber o paradoxo da linguagem como efeito de nossa ferida e pisada condição humana. Condição de seres investidos pela linguagem e pelo

pensamento-representação (forma), capaz de nos arrastar ao estranhamento com o que há de não-humano em nós, com a vitalidade do fora, do não-humano que nos atravessa. Mesmo reconhecendo o desgosto pela forma-humana e o mal-estar advindo da percepção do quanto o êxtase vital não cabe dentro do cotidiano, Clarice nos oferece a alegria do *it* como oposição à banalidade do dia-a-dia. Não se dar por vencido, mas inventar um amor inumano, amor-animal, amor-planta, amor-mineral, amor-mundo, enfim, amor impessoal. Expandir a vida e suas potências, resistir à culpa e à resignação pela alegria do amor não-identitário.

Nesse espaço amoroso, busca-se uma espécie de hiato de vida, de criação, de experimentação, com a dissolução constante de todas as formas. Um amor de vida que acolhe o desconfortável, assume a precariedade da existência sem apelar a transcendências ilusórias que pretendem a liberação do sensível incômodo. Um amor de vida que pode dizer *sim* à dissolução, à morte como contínuo estar no agora, no devir, que vai se dizendo na escrita epidérmica e não está na palavra codificada, mas em suas brechas, em suas sendas, em seu con(tato) com o mundo sem começo nem fim.

316

Ah viver é tão desconfortável. Tudo aperta: o corpo exige, o espírito não para, viver parece ter sono e não poder dormir – viver é incômodo. Não se pode andar nu nem de corpo nem de espírito. [...] Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas. [...] O que te escrevo continua e estou enfeitada. (LISPECTOR, 1973, p. 114-115).

Assim, a escrita clariciana nos impele a um orgasmo cósmico, com o mundo, com as singularidades que são multiplicidades mutantes, pura imanência não redutível a sujeitos pessoalistas (transcendência egóica) ou a abstrações totalizantes e unificadoras (transcendência racionalista/deísta). Nenhum ideal ascético, nada de depreciação ao corpo, mas sim aposta em uma vida desejante, celebração da carne, dos sentidos, corpo sem órgãos.

2ª Seção: O conceito de corpo sem órgãos de Deleuze e Guattari

A criação para si de um CsO se dá pela liberação prudente quanto aos estratos que se apoderam de nosso corpo, de nossa subjetividade e de nossa linguagem, e nos fazem servos de um organismo funcional, de um “eu” assujeitado e de discursos

com significados hegemônicos, tudo isso sob um registro/referência fundamentalmente humano. O CsO se dá em construção no puro plano de imanência como invenção de si singular (dessubjetivação) que se produz por intensidades e devires não humanos, e se desfaz das formas orgânicas delimitadas e das significâncias que grudam em nossa alma. Mas vejamos mais precisamente do que se trata tal conceito/experimento de CsO.

O que vem a ser o corpo sem órgãos? Como isso é possível? É ele a invenção da vida que prescinde do corpo e de seu organismo, em uma espécie de extirpação ou mutilação, com o completo esvaziamento da carne e do que a faz desamparada? Esse parece ser o ideal de perfeição das religiões monoteístas, de certa metafísica da tradição ocidental e de determinados setores da tecnociência contemporânea. Mas será o experimento-conceito de corpo sem órgãos condizente com tal perspectiva? Será ele um juízo negativo da vida sensível, de suas limitações e tensões, seus acasos e transmutações, sua multiplicidade e diferença? Será um ato de ressentimento em relação ao corpo e ao desejo? Será, portanto, uma tentativa radical de organização do corpo, das subjetividades e do mundo por uma transcendência dos organismos vivos, substituíveis por todo tipo de próteses (físicas/espirituais) que garantam uma completa estabilidade da existência em detrimento do que há de imprevisível na vida?

Os pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari respondem a tais indagações por um desvio completo de qualquer pretensão a dissidência do corpo. Afirmam que o corpo sem órgãos é aquilo que já possuímos, aliás, podemos inclusive ter mais de um, ter vários. O já possuí-lo não significa, no entanto, que ele tenha uma existência prévia ou que esteja feito por completo. Seu investimento é uma latência, uma virtualidade (força) que nos mobiliza. Assim, o corpo sem órgãos é um ato de produção, um exercício de apreensão das forças que nos afetam. Força que se conjuga com força. É uma experimentação de risco, pois nada garante o sucesso de sua efetuação, o que nos pode conduzir à morte. Mas é também aquilo que mantém o homem vivo, o desejo desejando o desejo, mesmo quando este está despotencializado. De qualquer maneira, o CsO é um corpo vibrátil a que nada falta. Por isso ele é um buscar incessante, e não um ideal de encontrar definitivo. Encontrar é morrer.

Não é tranquilizador, porque você pode falhar. Ou às vezes ser aterrorizante, conduzi-lo à morte. Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao corpo sem órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. (DELEUZE ; GUATTARI, 1996, p. 9).

Deleuze e Guattari consideram que o CsO já está a caminho na medida em que o corpo se cansa dos órgãos e quer deles se livrar, ou antes, os perder. O corpo passa em algumas situações por uma verdadeira via crucis: corpo hipocondríaco, cujos órgãos são destruídos, somente restando pele e osso do corpo desorganizado; corpo esquizo, cuja luta interior contra os órgãos leva à catatonia; corpo drogado, cujos órgãos são tidos como ineficazes, e precisam ser refeitos; corpo masoquista, cuja dor assentida pela costura, asfixia, suspensão, esfolamento, “enrabamento”, é a assunção da interrupção do exercício orgânico funcional.

Os autores franceses se perguntam sobre o porquê de uma tal procissão lúgubre de corpos destruídos, catatonizados, costurados, já que o CsO é também um corpo pleno de alegria, de vida. Será necessário passar por tais exemplos, por corpos esvaziados em vez de plenos? Serão tais experiências de aniquilamento realmente necessárias? O que se recomenda na produção do corpo sem órgãos é uma espécie de prudência, que não se confunde com nenhuma moral racionalizante, mas afirma-se como procedimento imanente à experiência, como dose para não se desaguar numa mortificação do corpo. O CsO não como perda, vazio orgânico, mas como “enlouquecimento” das funções orgânicas determinadas, do organismo como representação.

Ao suposto eu identitário, ao ideal de estabilidade emocional/existencial fomentado pelos poderes de toda sorte (religioso, psiquiátrico, psicanalítico, genético, farmacêutico, informático, etc.), tudo isso separando a experiência espiritual da corpórea, Deleuze e Guattari sugerem uma contínua desorganização orgânica, uma sucessiva desconstrução da interioridade, da transcendência ascética que se abstrai do mundo em sua composição subjetivante.

Deleuze e Guattari nos dizem que o corpo sem órgãos é o território desejan- te vivo, campo implacável das experimentações mais intensivas, sempre reengendradas e conectadas com o real sensível. O CsO é o espaço das agitações

existenciais, é a força/fluxo que resiste ao esvaziamento de todos os referenciais “seguros” que deram suporte ao homem até a contemporaneidade. O corpo sem órgãos nos lança na dimensão do desejo que é querer ativo, vontade dinâmica, empreendimento de potências criativas, abertura de perspectivas que não esperam nenhuma salvação ou paraíso, pois assume a vida com todos os seus espasmos e se deixa contagiar pelo corpo e suas sensações mutantes, sem o apelo a uma organização edificante.

O corpo sem órgãos é uma invenção de si, mas uma produção sem modelos, sem resultados seguros, sem formatos a atingir ou figuras com que se identificar. Sua composição não consiste, no entanto, em um ato de confusão daquele que o produz. Sim, cada CsO é povoado por multiplicidades, algo sempre o atravessa, o afeta, o percorre. Mas isso não quer dizer que ele não possua um programa “prévio” (imane a própria invenção) que respeite sua singularidade e sua diferença específica, que afirma-se justamente na incógnita do que vai ser produzido pelo programa.

O corpo sem órgãos é um desterritorializado por excelência, é o inextensivo como força que não admite representações ou fissuras do tipo separação corpo/alma delimitados ao espaço de seu contorno restrito. O CsO é o não-lugar onde nenhum tipo de prótese pode ser acoplada, pois não se trata ele mesmo de um espaço ou de uma cena a ser interpretada e “melhorada” com antídotos miraculosos. É sim um campo de intensidades onde ocorrem as hibridações mais inesperadas.

A produção do corpo sem órgãos não se vale de qualquer transcendência ao corpo, ao sensível, à vida no mundo, e nem mesmo é a redução das experiências a um empirismo do tipo espontaneísta, particularista, ingênuo ou descartável. São o rigor e o vigor os seus móveis. O CsO não reconhece a oposição entre Uno e múltiplo, pois ele se constitui como fusão de multiplicidades, com um prolongamento ininterrupto e intensivo com o mundo. O CsO é o limite como potência imanente.

A invenção do corpo sem órgãos é a tentativa de abolição do “eu”, das identidades, da segurança mortificadora, do ideal de fixidez. Não em nome de uma impessoalidade generalizante, de uma exterioridade transcendente, nenhuma

fantasmagoria, portanto. Mas em nome das singularidades que se dobram a um fora que é imanente ao plano de intensidades, à fusão entre os corpos. O CsO é o expurgo das interioridades fechadas em si mesmas, das pretensas identidades originárias e fatais que cada um idealmente deveria encontrar, e é também a resistência a qualquer exterioridade do desejo, do corpo como força ativa.

Trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro, isto não em virtude de uma generalidade mais alta, de uma maior extensão, mas em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais, intensidades que não se pode mais chamar de extensivas. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 18)

Os pensadores franceses buscam deixar bem claro que o corpo sem órgãos não é de maneira alguma o contrário dos órgãos. Estes não são seus inimigos. Seu inimigo é a organização dos órgãos denominada organismo. A luta por eles empreendida é contra a organização orgânica dos órgãos, contra sua distribuição funcional que limita tanto os órgãos quanto o corpo a papéis delimitados, fechados sobre si mesmos: a mão para o trabalho extenuante, a boca para comer, o ânus para defecar, o pulmão para respirar, o pênis e a vagina para foder, etc. Mas o CsO é a própria força do corpo com seus órgãos sempre recompostos virados para fora de si mesmos num contato louco de experimentação com os fluxos do mundo. Assim ele resiste a toda tentativa de determinação/unidade orgânica ou de transcendência aos organismos vivos.

O organismo é o próprio juízo de Deus (juízo da ciência), é o contra-corpo, é a insuportabilidade quanto ao CsO, pois este é força do devir, é multidão de sentidos, é pele, é superfície, é turbilhão metaestável, o contrário da profundidade do eu e da altura dos deuses e da razão, que são promessa de sossego eterno. Por um lado, o corpo sem órgãos é perseguido pelo juízo, e através dos estratos (pinças que prendem), é arrancado de sua imanência e amortalhado no organismo, e por outro, busca se refazer constantemente sob o plano de consistência, desdobrando-se e abrindo-se às experimentações sensíveis: “Combate perpétuo e violento entre o plano de consistência, que libera o CsO, atravessa e desfaz todos os estratos, e as superfícies de estratificação que o bloqueiam ou rebaixam” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 22).

Segundo Deleuze/Guattari, são três os grandes estratos que nos prendem mais diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação. Assim, deve-se ser um corpo organizado, sob pena da acusação de depravação. Deve-se ser um significante/significado, um intérprete/interpretado, ou assumir-se enquanto desviante, louco. Enfim, deve-se ser um sujeito e, como tal, fixado como um eu, sujeitado, ou se conformar como vagabundo. Todos esses estratos são articulações identitárias que nos amarram e bloqueiam nossas forças vitais, pois são determinações arbitrárias coladas no corpo e no espírito. Já o CsO é o proliferar de articulações, é o deslocamento contínuo dos significados (transmutado em *n* sentidos), é o nomadismo das singularidades (dessubjetivação), é a mobilidade orgânica.

Mas como desarticular o organismo sem traçar uma linha suicida ou escapista? Como fazer para arrancar a consciência da subjetivação que nos fixa a uma realidade dominante, como fazer dela um meio de exploração, de investigação do não-sabido? E como arrancar o inconsciente da significância e da interpretação, desse teatro de representações fantasmáticas e dar-lhe um verdadeiro estatuto de campo produtivo, de invenção desejante? De fato, essa tarefa não é mais nem é menos complicada do que arrancar o corpo do organismo, pois se, ao desarticular o organismo corremos o perigo da morte, ao nos furtarmos à significância e à sujeição, nos aproximamos do falso, do ilusório, do alucinatório, enfim, da morte psíquica. É preciso evocar a arte da prudência, pois não conseguiremos atingir o CsO e seu plano de consistência desestratificando de forma grosseira.

É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante. Imitem os estratos. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 23).

Mas afinal, porque a produção do CsO é tão perigosa? Porque são necessárias tantas precauções? É porque a oposição entre os estratos e o corpo sem órgãos não deve ser feita de maneira idealista, abstratamente. Pois já existe CsO mesmo nos estratos, mas de maneira fundamentalmente diversa da que se

encontra sobre o plano de consistência. Basta pensar o organismo estratificado: é possível um organismo que funcione em oposição à organização dos órgãos, uma espécie de organismo corpo sem órgãos, mas há também CsO como organismo rigidamente estratificado. Isso tudo para podermos compreender que não se trata de um dualismo simplório, e até para percebermos que mesmo quando alguém parece estar perdendo seu corpo, a verdade é que um novo corpo está pedindo passagem, está desejando emergir.

Assim, o CsO está pronto para investir, povoar, corroer, minar qualquer formação social ou aparelho de estrato, entrando tanto em relações de violência, rivalidade e destruição quanto de aliança, cumplicidade e inventividade. CsO do Estado, do dinheiro, da família, do trabalho, da polícia, do partido, da filosofia, da religião. Onde houver estratificação, com a eminente coagulação dos fluxos, com o endurecimento das linhas vitais, existem também brechas, fissuras, e assim, basta que se lhe provoque uma aceleração corrosiva para que os estratos, as formações e os aparelhos adoeçam (tumor próprio do estrato) e se autodestruam.

O corpo sem órgãos é o desejo, e não só porque ele é o campo de imanência, a liberação do plano de consistência, mas também quando sucumbe no esvaziamento de uma desestratificação grosseira ou quando faz multiplicar um estrato canceroso, doentio. Assim, o desejo pode desejar inclusive sua própria destruição ou aquilo que tem o poder de destruir. Desejo fascista que se manifesta por toda parte onde o poder contra a vida, contra o corpo (representações em geral) suplanta as potências vitalistas da imanência pura (multiplicidade, devir).

Daí a questão suscitada por Deleuze e Guattari, de produzir um devir-analítico capaz de selecionar na produção do CsO aquilo que é liberador, vitalista (corpo pleno), daquilo que aniquila ou se auto-aniquila (corpo vazio e corpo fascista). Distinguir entre o que favorece a proliferação de estratos, ou mesmo sua ruptura brusca, e o que impele a construção do plano de imanência, plano de existência não hierarquizado. Perceber em nós mesmos o fascista, o suicida ou o louco, e inventar um CsO que lhes escape. É com o plano que se escolhe o que passa ou não pelo corpo pleno, o que o compõe. Desejo que deseja a si mesmo com seus contínuos rearranjos, fluidos, fusões, como resistência aos poderes terríveis no mundo, e nunca como lama estagnada, nunca como dogma.

3ª Seção: Conexões Entre o Conceito/Experimento de CsO & A Escrita em Devir Clariciana

A operação de fazer conexões entre o CsO e a escrita-líquida de Lispector se faz sem grandes dificuldades, já que tanto os filósofos franceses quanto a escritora ucraniana-brasileira buscam em seus textos experimentar uma mobilização do pensamento que não se dá como forma superior, exteriorizada e abstraída do sensível, da imanência, nem como interioridade, profundidade de sujeitos, de indivíduos, pretensamente constituídos de antemão e com uma essência bem delimitada e fechada sobre si mesma. A escrita-pensamento aqui se dá pelo encontro dos corpos não redutíveis às suas funcionalidades biológicas ou químicas, a seus gestos previsíveis e calculados, às suas hierarquias e repartições moralizantes que privilegiam um centro motor de racionalidade e desprezam as regiões tidas como baixas porque sensuais, eróticas, libidinonas. Uma escrita do corpo imprevisível, sem funções prévias. Clarice aponta o que é que pretende com sua escrita-molhada, escrita jorro-aberta, escrita-malabarista, escrita nada tagarela, escrita-corpo-sem-órgãos:

323

Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevralgico da palavra. Meu corpo incógnito te diz: dinossauros, ictiossauros e plessiossauros, com sentido apenas auditivo, sem que por isso se tornem palha seca, e sim úmida. [...] quero não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz. Minhas desequilibradas palavras são o luxo de meu silêncio. Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas – escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio. (LISPECTOR, 1973, p. 11-12).

Tanto o texto clariciano quanto o conceito/vida de CsO seguem linhas que quebram com a noção convencional de conter a existência em dimensões confortáveis de explicações, interpretações ou enredos gerais, sendo pulverizado por tais escritos incendiários o que há de significância e subjetivação em uma certa realidade dominante. Se em *Água Viva* se verifica uma ruptura com a narrativa tradicional, histórica, linear, personológica, a língua passa a ser tomada por uma espécie de desorganização da linguagem exclusivamente humana, gramatical, e passa a se conectar e emitir outros signos, estrangeiros, desviantes, abertos às

intensidades não-humanas, experimentação pura, corpo-sem-órgãos da linguagem.

Como não se cogita o problema, talvez falso, de abandonar por completo a linguagem (a escrita como um todo), Clarice, Deleuze e Guattari buscam encontrar meios de expressão inventando uma linguagem-outra tanto na filosofia quanto na literatura, que faça gaguejar a língua majoritária, subverter suas representações, que trace linhas de fuga nos processos de singularização, que escape ao funcionamento dos organismos. Dizer da linguagem que pronuncia o impronunciável, que diz o indizível. Palavra mergulhada nas sensações, que expressa um viver que se transmuta a cada instante, mas que se vê impelida a dar certa consistência e duração em seu mergulho no caos da experiência do desassossego, na multiplicidade de afectos e perceptos que resistem a toda pessoalidade, humanidade do vivido ordinário.

As sensações, perceptos e afectos, são *seres* que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e de afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 213).

324

Deleuze e Guattari nos dizem do embate da arte contra o caos (perigoso por suas velocidades e inconstâncias diabólicas), mas este nos sendo de certo modo um aliado no combate mais importante que travamos contra a opinião, inimiga mais perigosa que tenta nos blindar contra o caos, ser o bloqueio à vibratilidade e às agitações que nos sacodem da mesmice. A obra-não-obra de Clarice o prova em sua maneira de enfrentar o tortuoso da vida como tentativa de um dizer não assegurado por comodidade (luta contra os clichês), mas também ao demonstrar o risco de ser devorada pela torrente de forças que tudo podem arrastar e trazer a derrocada completa. O novo rasga e abre fendas no intuito de fazer passar algo de ar puro caótico pelas fechaduras da opinião (doxa ou ortodoxa), mas precisa traçar linhas ligeiras, blocos de sensações que se componham com o caos, porém não sendo por ele tragado. É preciso associar-se a ele sem render-lhe culto, na luta tanto mais desafiadora contra o trivial, o banal, a opinião. É que a arte produz certa

consistência, ou melhor, compõe sensações com a variabilidade em que se debate no mundo, dá ao caos o sensível que o constitui como *caosmos*, entre-dois em relação à estabilidade e a instabilidade perpétuas.

Dar consistência, seja pelo conceito filosófico, seja por composições artísticas, é mergulhar no campo de vibratibilidade caótica e retornar com o pensamento, com graus de realidade tanto mais intensivos, é enfrentar o que há de imprevisível e inconcluso na existência, mas trazer algo como suporte ao risco de completa abolição, uma certa prudência ética-estética como procedimento experimental na desconstrução do corpo organizado, estruturado, do “eu” interiorizado e das significâncias da Razão-argamassa. É recomendável produzir linhas inventivas que atravessem e sejam atravessadas pelas linhas vitais do mundo, do que há de inumano no cosmos, linhas de fuga na escrita, devires do texto em composição com seu fora, escrita que se conecta com a vida, linhas de escape e não linhas de morte. É preciso certa delicadeza para sair do que gruda de impotência na vida. Clarice vai em seu texto buscando tal consistência, tal prudência sugerida por Deleuze e Guattari. Titubeando com os arranjos novos e soltos de suas palavras vai escapando às representações, às banalidades, vai conquistando o estranhamento às evidências em seu encontro com caos e ao mesmo tempo vai trazendo certa territorialização, um solo móvel e que intui novas desterritorializações, novos mistérios.

325

Como vês, é-me impossível aprofundar e apossar-me da vida, ela é aérea, é o meu leve hálito. Mas bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso. Quero a profunda desordem orgânica que no entanto dá a pressentir uma ordem subjacente. A grande potência da potencialidade. Estas minhas frases balbuciadas são feitas na hora mesma em que estão sendo escritas e crepitam de tão novas e ainda verdes. Elas são o já. Quero a experiência de uma falta de construção. Embora este meu texto seja todo atravessado de ponta a ponta por um frágil fio condutor – qual? O do mergulho na matéria da palavra? O da paixão? Fio luxurioso, sopro que aquece o decorrer das sílabas. A vida mal e mal me escapa embora me venha a certeza de que a vida é outra e tem um estilo oculto. (LISPECTOR, 1973, p. 29-30).

Assim, o texto clariciano, escrita-fluxo, escrita-devir, é por excelência uma escrita do acontecimento puro, escrita que acolhe a ferida existencial, a vida trágica assumida como tal em todas as suas dimensões de incerteza e duras ocorrências

que nos cortam e perfuram a carne. Escrita da desmedida, escrita Aion em que o tempo presente compreende tanto o passado quanto o futuro ao correr dos instantes que se dividem e se desdobram, antecipando e atrasando, esperando e relembrando sem ressentimentos ou culpas, rompendo com o tempo-Cronos e o eterno presente de Deus e suas figuras correlatas, como é o personagem da narrativa tradicional, que em Lispector é transmutado em singularidade, em impessoalidade, em sujeito pré-individual. Não as interpretações, a conformidade ou a resignação ao que nos ocorre, não uma atividade orgânica automática de resposta motora, mas um hiato, uma fissura, uma fenda inventada, um novo sentido sempre por vir, algo potente e alegre *no* acontecimento, um problema, palavra-problema sempre elaborada como contra-efetuação ao ocorrido em nós. Signos, incorpóreos que deem conta da ferida e da morte, que vacila, oscila entre a morte definitiva e as pequenas mortes, que são as constantes de renascenças e destituição das funções orgânicas do corpo, das subjetivações personológicas, particularizantes do sujeito e das representações significantes gerais. Morre-se: Devir-inumano do humano, singularidade/coletividade, outras composições, outros vitalismos, produção ativa sobre o acontecimento, captação e operação criadora sobre o que nos ocorre, atividade do pensamento como contração unívoca liberadora sobre os diversos acontecimentos que nos tomam em nossa cotidianidade banalizada.

326

É no ponto móvel e preciso em que todos os acontecimentos se reúnem assim em um só que se opera a transmutação: o ponto em que a morte se volta contra a morte, em que o morrer é como a destituição da morte, em que a impessoalidade do morrer não marca mais somente o momento em que me perco fora de mim, e a figura que toma a vida mais singular para se substituir a mim. (DELEUZE, 1998, p. 155-156).

As conexões CsO de Deleuze/Guattari com a escrita-jorro de Clarice Lispector poderiam se estender ainda por múltiplas vias, porém encerro momentaneamente esse ensaio trazendo ao corpo do texto sem órgãos o conceito de nomadismo como o movimento mesmo, sobretudo o movimento sem que seja preciso se mexer em demasia, movimento intensivo mais que extensivo, sem sair do lugar não parar de caminhar, de dançar com o pensamento e as sensações,

mobilidade de dessubjetivação própria à escrita de Clarice em que não ocorrem grandes aventuras, nem conflitos, nem excitabilidades, nem deslocamentos extensivos, mas acima de tudo existem silêncios, estranhamentos, espantos, epifania, calma desassossegada, agenciamentos não-humanos, afectos e perceptos impessoais, desejos não edipianos, Zen erotismo que multiplica e descentraliza sexualidades, *n* sexos em que nada falta ou a nada remete de transcendência, em que o gozo não mata o desejo. Sexo do texto e seus componentes do fora, dobras e desdobras do corpo e do corpo da escrita que faz amor, amor impessoal (it), que penetra e é penetrado por *n* sujeitos/objetos tendo somente como critério de assimilação ou não o aumento ou a diminuição da potência, da beleza e da alegria difícil, doida, o movimento e o repouso, as velocidades e lentidões próprias a cada único, a cada singularidade e seus arranjos imanentes, a cada lance em dado encontro. Seleção engendrada pelo preceito de tonificação da existência, de seu excesso ativo, não moderado, isso tudo amparado por um pensamento nômade, o atrás do pensamento, pensamento das sensações.

327

Referências

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução: P. P. Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. Tradução: L. R. S. Fortes. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. “Como criar para si um corpo sem órgãos”. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (vol. 3). Tradução: A. G. Neto, A. L. de Oliveira, L. C. Leão e S. Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução: B. P. Júnior e A. A. Muñoz. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G; PARNET, C. *Diálogos*. Tradução: E. A. Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

LISPECTOR, C. *Água viva*. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

Submissão: 10. 03. 2025

/

Aceite: 14. 06. 2025